



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – IFCS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – PPGF

CORPOS NEGROS NA LUTA PELO NÃO-SER. O QUE HÁ POR TRÁS DESSAS MÁSCARAS BRANCAS?

Ana Lúcia da Silva Raia¹

RESUMO

Este artigo faz uma abordagem reflexiva sobre as máscaras brancas que são impostas aos corpos negros, caracterizando-os numa zona do não-ser, enfatizando corpos negros femininos que sofrem com muito mais potência essa desumanização. Corpos negros são os condenados do presente, sendo subalternizados e desvalorizados em suas identidades e saberes. Com base nas contribuições de Frantz Fanon (2008), abordamos a invisibilidade desse corpo negro e o uso de máscaras para embranquecer e se adequar a esse projeto de desumanização e de solidão desse corpo negro. Fanon e Grosfoguel abordam os efeitos da colonialidade nos corpos negros e subalternizados, que são intitulados como primitivos, devendo ser colonizados ou invisibilizados se resistirem em não embranquecerem. Fanon propõe "um novo humanismo", que inclua os habitantes da zona do não-ser.

Palavras-chave: Máscaras brancas; Desumanização; Corpo negro; Identidade; Zona do não-ser.

ABSTRACT

This article makes a reflective approach to the white masks that are imposed on black bodies, characterizing them in a zone of non-being, emphasizing black female bodies that suffer this dehumanization much more powerfully. Black bodies are the damned of the present, being subordinated and devalued in their identities and knowledge. Based on the contributions of Frantz Fanon (2008), we approach the invisibility of this black body and the use of masks to whiten and adapt to this project of dehumanization and loneliness of this black body. Fanon and Grosfoguel address the effects of coloniality on black and subalternized bodies, which are called primitive, and must be colonized or made invisible if they resist not becoming white. Fanon proposes "a new humanism", which includes the inhabitants of the zone of non-being.

Keywords: White masks; Dehumanization; black body; Identity; Zone of non-being.

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mulher negra, Professora da Educação Básica da Rede Municipal do Rio de Janeiro, membro do Grupo de Estudos Descolonial Carolina Maria de Jesus da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

INTRODUÇÃO

Eu levo minha filha de dois anos num carrinho de supermercado em Eastchester, Nova York, em 1967 e uma garotinha branca passando no carrinho de sua mãe grita, empolgada: "Olha, mamãe, uma empregada bebê!" E a sua mãe te cala, mas ela não te corrige. E então quinze anos depois, numa conferência sobre racismo, você ainda pode considerar essa história humorística. Mas eu ouço que sua risada é cheia de terror e doença. (LORDE, 2019, p. 157-158)

Lorde expressou um sentimento de raiva ao lembrar esse acontecimento. Sentimento vivenciado por nós, mulheres negras e por nossas crias. A cor da pele ainda é referência para a depreciação, destruição e desvalorização dos corpos negros, que são os condenados do presente. Há ainda um grande privilégio epistêmico, em que indivíduos ocidentais produzem injustiças e caracterizam o corpo negro como um não-ser. As colonialidades do ser, do saber e do poder se expandiram e, atualmente, continuam operando em sociedades que se intitulam democráticas. Ainda há muito que conquistar para alcançarmos o que Fanon propõe de "um novo humanismo", onde caibam muitos mundos, acabem as diferenças entre brancos, negros e indígenas e haja respeito entre todos. Enquanto isso vivenciamos a colonialidade do poder, do ser e do saber que, nos últimos séculos, destruiu e violentou cada corpo negro, indígena e LGBTQIA+ e cada espaço social, político, geográfico e cultural num formato patológico e desumano levando-nos à Necrofilia Colonialista Outrocida.

Condenados do presente pois querem que peçamos licença para continuarmos vivos, querem nos fazer acreditar que somos inferiores e que as máscaras brancas que muitos dos nossos usam para sobreviverem a toda a sorte de opressões, têm que ser usadas por todo o povo negro, sem questionamentos. Máscaras brancas que se moldam a rostos negros, tornando-os invisíveis para reivindicarem direitos e buscarem espaços de libertação e de destaque. Uma instituição que nasceu para nos aprisionar, matar, subordinar e produzir riquezas para os colonizadores.

Ter sua filha reconhecida como "empregada bebê" é devastador, pois nos faz pensar em inúmeras questões: para uma criança apontar uma outra como empregada é porque não consegue perceber o outro corpo negro como seu igual, lhe tendo sido

incutida pelos pais ou outro adulto a ideia racista de que, pela cor da pele somos diferentes. Enfrentar o silêncio ensurdecedor da mãe que poderia, a partir daquele fato, educar seu filho numa luta antirracista também não aconteceu e, por fim, após anos, contar essa história e ouvir risos da plateia é desanimador. Parece que nossa luta está sendo em vão, que estamos perdendo espaço para a cultura do racismo.

Quem de nós, mulheres negras, não temos uma história semelhante a essa vivenciada por Lorde? Chegamos ao século XXI e nos deparamos com histórias de preconceito e práticas racistas em nosso cotidiano. Os noticiários informam de maneira descomprometida e insossa os fatos de racismo ocorridos, sem destaques. Ainda hoje há corpos negros que são descobertos em residências luxuosas como escravizados, vivendo em situação degradante, sem o mínimo de cuidado com a dignidade humana. Em sua maioria, corpos negros femininos escravizados para servirem a corpos brancos eurocentrados que, quando questionados, apresentam discursos de que estavam "cuidando" do patrimônio do escravizado pois este não tinha casa e nem comida para sobreviver e se não fosse por seu ato "humanitário", aquele corpo negro não mais existiria. E podemos acreditar nesse discurso de violência? Um discurso que invisibilizou durante uma vida um corpo que não teve direito a escolher o que seria melhor para a sua existência. A raiva que Lorde expressou ao ser vítima de racismo, junto a sua filha, é a mesma que nós, mulheres negras, passamos cotidianamente. Um duplo-narcisismo como nos diz Fanon, onde "o branco está fechado em sua brancura e o negro em sua negrura" (FANON, 2008, p. 27), pois o branco só respeita aquilo que vê no espelho, desvalorizando e subalternizando culturas e vidas outras. Nunca foi tão fácil encontrarmos máscaras brancas nos rostos de corpos negros, pois vivemos, nesta atual conjuntura, com a destruição desses corpos por indivíduos que ainda pensam em impetrar no país uma raça branca, com grupos nazistas orquestrados que se organizam para destruir corpos negros, indígenas e LGBTQI+. Um grupo que, infelizmente, encontra eco e se sente livre para praticar crimes contra esses corpos. Quando não matam esses corpos, optam por escravizá-los, sem qualquer tipo de punição, na grande maioria dos casos.

Podemos mencionar Madalena Gordiano, mulher negra de 46 anos e que desde os 8 anos de idade vivia em condições análogas à escravidão. Não recebia salário, não tinha direitos e vivia reclusa, sob a vigilância dos patrões até o ano de 2020, quando foi libertada, após uma investigação do Ministério Público do Trabalho. Esse corpo negro

passou 38 anos sem ter direito a uma vida com dignidade, vivenciando um trabalho escravo doméstico, a modalidade mais difícil de ser identificada.

O historicídio de corpos negros

Há várias formas de trabalho escravo, mesmo havendo uma roupagem de garantia de direitos. Milhares de mulheres negras vivem num quarto sem janelas com a saída para a cozinha, sem direitos básicos, recebendo um salário mínimo com inúmeros descontos e tendo apenas uma folga mensal para realizarem todo o trabalho doméstico nas casas dos patrões, vulgo colonizadores. Uma rotina de uma violência que domestica, pois quem sofre a violência, muitas vezes, não a vê como uma agressão maior e acaba por acreditar na suposta boa ação do patrão. Vive sem alegria, como se fosse uma máquina ligada por controle-remoto, onde o elevador se torna um templo que só pode ser acessado por corpos brancos, como na letra da música *Identidade*, de Jorge Aragão:

Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai...
Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real da nossa história.
Se preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade.
(...)
Fonte: Musixmatch
Compositor: Jorge Aragão

Querem nos fazer acreditar que temos lugar marcado e que não podemos pensar na possibilidade de utilizar sequer o elevador social, pois quem tem a cor da pele preta é inferior e lutar contra este fato é inútil pois "somos herança da memória", e se tivemos algum valor ancestral no passado, este valor não possui conexão com a realidade. A grande proposta do colonizador é que nos moldemos às máscaras brancas para sermos esse tal exemplo da dignidade. Uma máscara que nos afasta do que realmente somos, do que ecoamos através da identidade dos nossos ancestrais. Não há mais tempo para cedermos nenhum milímetro e estamos ocupando espaços de poder, na academia e em qualquer lugar onde queiramos estar. Somos aceitos na exata medida de nossa

subserviência, como o tal preto de estimação. Na medida em que nos posicionarmos contra práticas desumanizadoras, somos taxados de agressivos e desequilibrados. Não queremos o rótulo de sermos pretos de alma branca, queremos que enxerguem nossa história, respeitem a cor da nossa pele, nossa alma preta e tudo que ela representa. Nossa identidade está onde nossa história, cultura e ancestralidade estão. De Moraes (2020), em seu conceito de historicídio, destaca que "O historicídio se configura como uma violência colonial na medida em que extingue aquilo que constitui nossa identidade, ou seja, nossa história, cultura e ancestralidade".

O filme *Domésticas*² retrata o cotidiano de cinco mulheres trabalhadoras domésticas e, numa das cenas uma mulher negra diz: "Eu nunca ouvi dizer que alguém queria ser trabalhadora doméstica!" Essa fala é uma realidade pois corpos negros são levados para esse trabalho, em sua maioria, por falta de opção, por não terem acesso ao estudo e a uma qualificação profissional. Crescem realizando essas tarefas em suas casas e, para ajudarem nas despesas, é um caminho natural ocupar o lugar de empregada doméstica, sem consciência de direitos e garantias constitucionais, em sua maioria.

Conceição Evaristo, em uma entrevista³ relatou que "Espera-se que a mulher negra seja capaz de desempenhar determinadas funções, como cozinhar muito bem, dançar, cantar, mas não escrever" (EVARISTO, 2011, s/p.). Há um estereótipo perpetuado no cotidiano das relações sociais estabelecidas, onde corpos negros devem desenvolver padrões pré-estabelecidos pelo corpo branco. O corpo negro tem compreensão, em sua maioria, da injustiça social de que é vitimado, se insurgindo. Fanon (1983) diz que "Sim, nós somos atravessados, simples, livres nas nossas manifestações. É que o corpo para nós se opõe àquilo que vocês chamam de espírito" (FANON, 1983, p. 104-105).

Da cozinha à academia: histórias de si invisibilizadas

Corpos negros ocupando os espaços acadêmicos também sofrem com o privilégio epistêmico, pois seus conhecimentos são secundarizados, inferiorizados e todo conhecimento produzido fora desse espaço de poder é negado. Há um sexismo epistêmico cuja produção científica e acadêmica está nas mãos de homens

² Filme lançado em 20 de abril de 2001 (São Paulo). Diretores: Nando Olival e Fernando Meirelles.

³ Entrevista concedida à Revista Raça, disponível em:

<https://racabrasil.uol.com.br/Edicoes/96/artigo15620-2.asp/dia>. Consulta realizada em 06/01/2021.

ocidentalizados. Há um suposto discurso nesses espaços que nos forcem a ser imparciais e neutros. Uma imparcialidade que tem cheiro de injustiça, pois o discurso neutro que ecoa nesses espaços é o discurso eurocentrado, e mulheres negras que, historicamente, sofreram essas opressões nesses espaços são invisibilizadas ao trazerem para seus escritos histórias de si e autobiografias negras. Essa invisibilização é explicitada na medida em que "as estruturas fundacionais do conhecimento das universidades ocidentalizadas são epistemicamente racistas e sexistas ao mesmo tempo." (GROSFOGUEL, 2016, p. 28). Na academia não há espaço para esse tipo de conhecimento e, quando esses corpos negros persistem em escritas acadêmicas a partir dos seus saberes, são violentamente ignorados por essa academia com o discurso de que seus temas de pesquisa são inconsistentes e não observam o rigor científico. Grosfoguel ressalta que:

Ao contrário do que ocorreu com o epistemicídio contra as populações indígenas e muçumanas, quando milhares de livros foram queimados, no caso do genocídio contra as mulheres indo-europeias não houve livros queimados, pois, a transmissão de conhecimento acontecia, de geração para geração, por meio da tradição oral. Os "livros" eram os corpos das mulheres e, de modo análogo ao que aconteceu com os códices indígenas e com os livros dos muçulmanos, elas foram queimadas vivas. (GROSFOGUEL, 2016, p. 28)

Remete-se a um corpo negro feminino que precisa resistir para continuar ocupando esses espaços de poder. O corpo negro se opondo ao espírito é um sentimento que nos remete ao discurso do homem branco que desvaloriza nossa identidade, cultura, julgando-nos "atrasados", invisíveis. Fanon (1983) relata a percepção do homem negro, contraditando o discurso do homem branco:

O branco estava enganado, eu não era primitivo, nem tampouco um meio homem, eu pertencia a uma raça que há mais de dois mil anos trabalhava o ouro e a prata. [...] Ouçam bem: "Quais eram esses homens que uma crueldade inexcedível através dos séculos arrancava-lhes de seu país, de seus deuses, de suas famílias?" Homens doces, educados, corteses, superiores certamente a seus carrascos, esta corja de aventureiros que quebravam, violentavam, insultavam a África para melhor espoliá-la. (FANON, 1983, p. 107-108)

Muitos dos nossos foram retirados de seus países, numa diáspora forçada, destituídos de seus nomes, famílias, cultura, sonhos e rotulados por estereótipos de violentos e preguiçosos. A resistência se dá pelo aquilombamento, numa luta pelo resgate de nossa cultura e direitos, conquistando os espaços sociais e identidade que nos foram retirados. Segundo Fanon (1983), o homem negro "não deseja de modo algum dominar o mundo, ele quer a abolição de privilégios étnicos sejam eles quais forem;

confirma sua solidariedade com os oprimidos de qualquer cor" (FANON, 1983, p. 109). Fanon, mesmo sem classificar, reconhece a filosofia anarquista, proposta por Ashanti Alston⁴, que defende que o indivíduo deve ser respeitado e que ninguém é suficientemente importante para pensar pelo outro. O anarquismo não se posiciona contrariamente a nenhum corpo, nenhum ser, mas sim contra as instituições, pois são elas que estabelecem as desigualdades entre as pessoas. Todo racismo é institucional porque é praticado por meio das instituições. O anarquismo é uma teoria e ideologia política que não acredita em nenhuma forma de dominação, nem na do Estado sobre a população nem entre hierarquias, e defende a cultura da autogestão e da coletividade. O anarquismo critica a exploração econômica do sistema capitalista e a dominação político-burocrática. Os anarquistas não buscam uma revolução política, mas uma revolução social, que parta da maioria da população, dos trabalhadores, da classe que sofre alguma forma de dominação. Sua ideia principal é a horizontalidade: um território em que não exista Estado, nem hierarquia e em que a população faça a autogestão da vida coletiva.

Apesar da luta por um mundo com uma visão e prática decoloniais, a modernidade não abriu espaço para esse corpo negro, principalmente o corpo negro feminino, que sofre inúmeras opressões de raça, gênero e cor. Em razão de uma suposta hierarquização, o homem branco vê diferenças em relação ao homem de cor, discriminando aquele que entende ser diferente. Fanon nos diz que:

É uma realidade: os brancos se consideram superiores aos negros. Mas é também uma realidade: muitos negros querem demonstrar aos brancos, custe o que custar, a riqueza de seus pensamentos, a força comparável de seus espíritos. (FANON, 1983, p.11)

É uma superioridade demonstrada através dos aspectos sociais e econômicos: corpos brancos têm maior acesso a empregos melhores e, após conseguirem a contratação, possuem maior possibilidade de ascensão profissional, com melhores salários e maiores possibilidades de cargos de chefia, em detrimento de corpos negros que, muitas vezes pelo crivo da "boa aparência", perdem a chance de um emprego para aqueles corpos brancos, mesmo tendo um melhor currículo. Parece que algumas coisas

⁴Ashanti Omowali Alston é um militante anarquista, palestrante, escritor, e ex-membro do Partido dos Panteras Negras e do Exército de Libertação Negra. De 1974 a 1985, ele passou um período na prisão por assalto a banco, o que o levou a se envolver ainda mais na política. Acesso em 17/01/2022. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>

nunca mudam. Uma foto para definir a contratação ou não desse corpo negro é a mesma foto que irá reconhecê-lo como o autor do fato, levando esse corpo à prisão, sem qualquer outro meio de prova ou de averiguação.

Tupac já dizia:
"Algumas coisas nunca mudam..."
Aí! São... regras do mundão.
Perdi a conta de quantos escondem a bolsa e digo 'Que horas são?'
Taxistas perguntam mais que policiais a mim.
Sim! Indescrevível como é ruim. Nasci vilão, só veneno.
Com o incentivo que me dão, errado tô se eu não virar memo.
Suor na cara, levando currículo na cara...
Até porque onde eu moro, buso não pára.
Pé de barro, meio dia, inspirando piada de boy, transpirando medo das tias.
Tudo é tão óbvio. Cê não vê que vai juntando ingrediente da bomba relógio
Eu sinto dor (Dor), eu sinto ódio (Ódio), é quente,
Sem nem saber o nome dessa gente
Católica, de bem, linda...
Cê já notou? Pior que nem falei minha cor ainda!
(...)
Fonte: Musixmatch
Compositores: Emicida / Laudz⁵

Um preconceito que destrói a autoestima desse indivíduo, que tem sua competência avaliada pela cor da sua pele e, para sobreviver nesse suposto mundo dos brancos, esse corpo negro começa a embranquecer seu discurso, sua pele, seu cabelo, sua identidade para ter visibilidade. Apresentamos um relato de um homem negro em que se evidencia uma dor por não ser reconhecido em suas potencialidades:

Começo a sofrer por não ser branco, à medida em que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, extorpe de mim todo valor, toda originalidade, diz que parasito o mundo, que é preciso que acompanhe o mais rapidamente possível o mundo do homem branco (...). Então tentarei simplesmente tornar-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade. Mas, nos dirá Mannoni, é impossível, pois existe dentro de você um complexo de dependência. (AIMÉ CÉSAIRE, s/d, p.85 apud FANON, 1983, p. 82)

Uma busca por não ser subordinado, mesmo que para isso seja necessário transformar-se em sua essência e tornar-se outro, pois o negro que quer ser branco nessa sociedade é aquele que quer ter privilégios. Uma crítica realizada por Fanon é de que esse corpo negro que usa máscaras brancas para embranquecer quer ter os privilégios de que o corpo branco usufrui e, para isso, perde suas referências, pois afasta-se de seus ancestrais, de seus saberes e cultura, permitindo ter mais que privilégios, produzindo injustiça. É um processo de alienação colonial, numa alienação do homem negro se

⁵ Música "Cê lá faz ideia. Emicida. Acesso em 17/01/2022. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/emicida/ce-la-faz-ideia.html>

constituir enquanto sujeito, pois se não possui as possibilidades para se constituir enquanto sujeito, está numa situação alienada. Apesar de ter consciência de que está sendo escravizado, usado, continua querendo embranquecer e se moldar aos estereótipos do opressor. Para Fanon, não basta mudar a visão individual de mundo, é preciso mudar o mundo.

Máscaras brancas protegem corpos negros?

Estamos em uma sociedade em que a regra da humanidade é branca e, se não nos comportarmos como brancos, não conseguiremos ultrapassar as barreiras que a sociedade nos impõe. Quem ousa manter o rosto sem essa máscara branca não tem descanso. É uma batalha diária assumir a potência de nossa ancestralidade e enfrentar esse racismo que insiste em nos matar. Todas as vezes em que o corpo negro tenta se impor enquanto humano, se depara com a barreira da cor. Usar a máscara branca é uma estratégia de sobrevivência, quem sabe até uma estratégia de inteligência, pois, na medida em que o colonizador define o branco como critério de humano, quem não é branco não é tão humano. Para se humanizar, precisa embranquecer. O corpo negro, mesmo quando ele acredita que é branco, pois já internalizou essa máscara branca, continua sendo visto como negro.

Segundo hooks (2006) por serem invisíveis e tratados com violência, esses corpos negros, inconscientemente, reproduzem a violência que sofreram, num ciclo de busca de poder e de autoafirmação:

Muitos negros estabeleceram relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão. Seguindo o mesmo modelo hierárquico, criaram espaços domésticos onde conflitos de poder levavam os homens a espancar as mulheres e os adultos a bater nas crianças como que para provar seu controle e dominação. (HOOKS, 2006, s/p)

Uma dor que passa pela própria existência desse corpo negro que, mesmo tendo uma ascensão social, por ter a cor de pele preta é parado em blitz por ter um carro, mesmo popular, pois, aos olhos do corpo branco, um corpo negro não pode ter acesso a bens e direitos. Quem tem a cor da pele preta sente que, pelo olhar, somos desqualificados, pois mesmo sem pronunciarmos uma palavra, nos dizem que não devemos ocupar aquele lugar.

Souza (1990) ressalta a falta de um psiquismo saudável, pois, para a autora, ter uma ascensão social não é pré-requisito para acabar com o racismo contra esse

indivíduo, sendo revestido de outras formas. O Brasil tem uma população de maioria negra, mas que é de uma identificação branca e que, para fazer parte dessa estrutura eurocêntrica precisa adequar-se ao "custo emocional da sujeição, negação e massacre de sua identidade original, de sua identidade historicoexistencial" (SOUZA, 1990 p.18). Precisamos provar para essa estrutura eurocêntrica que não estamos pedindo licença para sermos quem somos e que conquistamos lugares por mérito e por competência. Para Souza (1990, p. 78), "a nível clínico, esta relação de tensão toma o feitiço de sentimento de culpa, inferioridade, defesa fóbica e depressão". Diante de tanta opressão, o caminho mais fácil para não lutar contra essas dores é embranquecer.

Embranquecer não somente nas feições negras, mas nos discursos, na cultura, na essência. Por isso, nos deparamos com corpos negros embranquecidos que, ao ocuparem cargos de poder ou almejem ocupá-los, se distanciam de sua essência, de sua raiz, de sua identidade, representando e panfletando o discurso do opressor. Para a autora:

Nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra. (...) Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (SOUZA, 1990, p. 77)

Por isso, a importância de nossa cultura, pois a partir da história do povo negro há a essência de que precisamos lutar por espaços e ecoar nossas vozes por uma melhor qualidade de vida e ocuparmos lugares de poder, sem alimentarmos a ideia de que precisamos pedir licença para existirmos. hooks nos diz:

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. (...) Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência. (HOOKS, 2006, p. 188-189)

Há um prejuízo devastador e um cansaço por precisarmos comprovar o óbvio de que não somos inferiores pela cor da nossa pele. Apesar das violências e explorações que, historicamente, estamos vivenciando, resistimos e reagimos a essa supremacia branca. Nas produções literárias escritas por autoras negras sobre o amor, percebemos, na grande maioria desse acervo, que personagens negras apresentam o desejo de serem amadas, a angústia de viver na solidão.

No livro *Becos da Memória* (2017), Conceição Evaristo narra a história de Negra Tuína, uma jovem negra, órfã de pai e mãe, que viveu uma infância e adolescência sem afetividade, mas, na medida em que se tornara mulher, sentia um desejo de ser amada, após ouvir os relatos de outras mulheres negras que conheciam o amor:

A medida que crescia, só tinha um desejo: ter uma casinha sua, ter um sonho seu. Ela ouvia as negras mais velhas falar dos seus homens e isso acendia um desejo em negra Tuína. Filhos, principalmente filhos. Só tinha uma imagem na cabeça, a do moço Totó, nu da cintura para cima, suado, reluzente. O corpo negro sobressaindo entre as alvas flores de algodão. (EVARISTO, 2017, p. 52)

Tuína queria ter seu próprio lar, seus filhos e um homem para amar e dividir toda a potência do que entendia ser amor. Na narrativa da autora, a personagem passava os dias e noites imaginando o corpo do negro que seria seu homem. Essa narrativa é o retrato do que mulheres negras cis/hétero sentem, em sua maioria, pois vivem sem conhecer o amor de um homem negro por uma mulher negra. Uma sensação que mulheres negras vivenciam de que não são suficientemente bonitas e sexy para serem amadas, pois são medidas pelo olhar eurocentrado que valoriza a beleza do corpo negro, sendo preteridas afetivamente por esse corpo negro. Grosfoguel (2016) destaca que o corpo ideal ocidental é o homem, branco, heterossexual, proprietário. Um corpo que tem passe livre para ser, existir e exterminar corpos diferentes do seu.

Para a mulher negra cis/hétero, não se trata apenas de enfrentar a estrutura patriarcal e a solidão, mas de ter consciência de como o cruzamento das opressões de raça e gênero nos impõe limites na relação afetiva e sexual, pois o corpo dessa mulher negra e também o corpo LGBTQI+ está em conflito com a imagem de um corpo promíscuo e fácil, construído historicamente por esse olhar e discurso eurocêntrico.

O corpo dessa mulher negra e LGBTQI+ precisa, para se libertar desses estereótipos estabelecidos e lutar contra essas opressões, buscar entender quais sonhos são nossos e quais nos fizeram aprender a sonhar, quais ideias se assemelham a nossa identidade e quais se afastam da nossa história de ser e estar no mundo. Querem nos fazer acreditar que somos frágeis e que precisamos ser salvas. Querem que acreditemos que vivemos a procura de um homem forte para cuidar de nossas fragilidades e espantar nossos medos. Nós não precisamos ser salvas! Queremos ser tratadas com respeito e sermos vistas com nossas qualidades e defeitos como qualquer outro ser humano.

Para os corpos negros femininos, a solidão é um posicionamento político. Um percentual significativo desses corpos é privado da afetividade por causa da cor ou porque recusam relações onde estejam escondidas, produzindo sofrimento e dor. Esse corpo negro não quer ter alguém só para transar, queremos mais! hooks já nos alertava sobre mulheres que dão sexo na expectativa de receber afeto. Há buracos em nossa alma que pênis nenhum pode preencher, pois nossas subjetividades são únicas e cada corpo negro tem sua história. Nossas memórias nos remetem ao passado em que muitas de nós não conseguiram ser a noiva na festa da escola ou ser a representante da turma, por ser definida como a barraqueira por não se calar contra uma injustiça. Nossa solidão não é só sobre relações amorosas, mas também sobre ser hipersexualizada, sobre o romantismo de acreditarem que "somos fortes o tempo todo", sobre servimos somente para uma coisa e não outra. Reconstruir afetos é urgente para sararmos essas lacunas.

Quando nos apaixonamos e somos correspondidas não é simples, pois não nos vemos e não vemos os nossos afetos na literatura, nas redes sociais, ou, quando vemos, esses corpos aparecem erotizados, servindo como opção para diversão aos guetos, relegados, em via de regra. Queremos experimentar a potência de amar e sermos amadas.

A solidão da mulher negra é o resultado de elementos estruturais e sociais oriundos do racismo moderno. Não se trata apenas de sentir-se só, mas de não possuir significado afetivo em meio a outras tantas pessoas com quem convive, pois estamos no século XXI e ainda hoje há um projeto eugenista de embranquecimento, onde entende-se que negros e indígenas são indivíduos "primitivos a serem civilizados" (GROSGOUEL, 2016, p. 39), segundo o qual há uma suposta ideia de superioridade moral e intelectual do corpo branco. Sendo assim, há um imaginário dos homens negros por mulheres brancas, que as coloca como "avalista" (CARNEIRO, 1995, p. 75), sendo isso um passe-livre desse corpo negro nos espaços sociais.

hooks (2006), ao analisar o corpo negro feminino no contexto norte-americano, ressalta que esses corpos, no período escravagista e pós-escravagista, eram relacionados apenas a um corpo sem mente, pois geravam novas crianças escravizadas, aumentando o patrimônio do colonizador.

Esses corpos negros femininos eram sexualizados em demasia, justificando os estupros durante o período da escravidão. Ainda há o estereótipo do corpo negro feminino servil, diferenciando as mulheres negras apenas como mulata ou doméstica de

acordo com o grau de sexualidade ou de servidão. É importante entender que a relação sexual não é a única e que precisamos nos fortalecer em rede com nossos iguais, nas relações com nossos amigos, familiares e aqueles que amamos. Para hooks (2006), o amor é uma das fontes de cura dos sofrimentos causados pela experiência da escravidão. Não devemos anular a importância dos desejos sexuais, mas o ato de amor transcende esses desejos, estando presente nas relações outras. Precisamos aprender a sermos acolhidas nesse processo de descolonização.

hooks (2006) propõe que cultivemos o autoamor, expandindo essa afetividade nas relações sociais e nas pessoas que nos cercam, reconhecendo nossas necessidades de afeto. Precisamos nos libertar da negação dos nossos desejos de sermos amadas e respeitadas através do cultivo do autoamor, destruindo os discursos que foram nos impondo historicamente pela branquitude acerca do nosso corpo negro. Precisamos retirar as máscaras brancas que nos foram impostas para embranquecermos nossa pele e nossos discursos. Kilomba nos diz:

Existe um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, a/o colonizador/a terá de ouvir. Seria forçado/a a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades da/o outro/a. Verdades que têm sido negadas, reprimidas, mantidas e guardadas como segredos. Eu gosto muito deste dito "mantido em silêncio como segredo". Essa é uma expressão oriunda da diáspora africana e anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar o que se presume ser um segredo. Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo. (KILOMBA, 2019, p. 41)

As máscaras brancas, segundo Fanon, são as supostas personalidades que são construídas pelos corpos negros para serem aceitos numa sociedade racista, perdendo sua identidade. Racismo é um mecanismo de exclusão que define quem pode ou não ter direitos, que utiliza uma metamorfose, exterminando corpos negros numa Necrofilia Colonialista Outrocida.

Histórias de si contadas por mãos negras

Fanon, em seu artigo "Racismo e cultura"⁶ (1980), ressalta que o colonialismo cria culturas superiores em detrimento da subalternização das culturas inferiores. Para Fanon:

⁶Texto da intervenção de Frantz Fanon no I.º Congresso dos Escritores e Artistas Negros em Paris, em Setembro de 1956. Publicado no número especial de *Présence Africaine*, de Junho-Novembro de 1956. Núcleo de Pesquisa e Estudos em Teoria Social – NEPETES ISSN 2238-9288 Acesso em 17/01/2022. Disponível em: REVISTA CONVERGÊNCIA CRÍTICA Dossiê: Questão ambiental na atualidade n. 13, 2018.

Estudar as relações entre racismo e a cultura é levantar a questão da sua ação recíproca. Se a cultura é o conjunto dos comportamentos motores e mentais nascidos do encontro do homem com a natureza e com seu semelhante, devemos dizer que o racismo é sem sombra de dúvida um elemento cultural. (FANON, 1980, p. 35-36)

Autoras negras, no Brasil, sentiram na pele o que Fanon discute, pois seus escritos são invisibilizados por um racismo editorial que não abre espaço para que sejam publicados. E os escritos de autoras negras vêm atravessados por suas histórias de vida, em sua maioria. Há uma semelhança dessas histórias, pois trazem suas dores e seus gozos.

Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são exemplos de autores que, através de seus escritos, representam corpos negros femininos que se identificam com as personagens, em sua maioria, de mulheres negras. Evaristo faz um relato emocionado entre ela e Carolina:

Conseguir algum dinheiro com os restos dos ricos, lixos depositados nos latões sobre os muros ou nas calçadas, foi um modo de sobrevivência também experimentado por nós. E no final da década de 60, quando o diário de Carolina Maria de Jesus, lançado em 58, rapidamente ressurgiu, causando comoção aos leitores das classes abastadas brasileiras, nós nos sentíamos como personagens dos relatos da autora. Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as mãos. Restos. (EVARISTO,⁷ 2009, s/p.)

Restos que não podemos nos acostumar a receber, pois temos sonhos e essa luta é contínua. Carolina Maria de Jesus foi uma mulher que amou demais. Amou tanto que transbordou em palavras o que não lhe cabia no peito. Quando criança, amava a escrita e a leitura, apaixonando-se pela descoberta de escrever seus próprios versos, suas próprias letras de músicas, seus romances. Após essa fase, tornou-se uma mulher que amava os homens, amava namorar, cortejar e ser cortejada, em uma época em que mulher era educada para casar, sem pensar em prazer.

Carolina foi insubmissa! Não quis casar-se, pois não iria pedir licença para ter acesso ao seu maior prazer, que era escrever. Apesar de não casar-se, teve três filhos de homens diferentes. Sentia-se livre para experimentar o amor. E seus filhos foram a expressão maior desse amor. Por eles, catava papel nas ruas e vivenciou a dor da fome e da invisibilidade. Amou com tanta potência que ficava com fome para dividir entre os

⁷ Entrevista realizada no Portal da Literatura Afro-brasileira - Literafro. Acesso em 17/01/2022. Disponível em: - <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>

três filhos o que tinha para comer. Solidão não sentia, pois escolheu viver na companhia de seus filhos e de seus escritos. Não esqueceu que era uma mulher, que tinha desejos, que poderia se apaixonar. E assim o fez! Amou, sentiu raiva, medo, dor, mas, sobretudo, experienciou o amor de mãe. Assim como Carolina, muitas mulheres negras vivenciam o amor através de seus filhos. Descubrem o que é transbordar de emoção quando têm que cuidar de uma vida gerada no seu corpo. Um corpo que vira escudo para proteger e cuidar dos seus, um corpo que precisa estar bem para manter a confiança entre os seus, um corpo que, apesar das dores, consegue manter a lucidez.

(...)

Quando me perguntam se estou bem eu digo: estou bem
dividida entre o saber, me alimentar e lamentar
Sinto uma saudade estranha de saber um pouco menos
Ser aquele humano médio que passa sem se importar
O caminho da consciência é lugar de desassossego
E hoje a mais banal notícia já me tira do lugar.
(NASCIMENTO, 2021 s/p.)⁸

Mulheres negras que precisam ser fortes para resolver problemas, pois sabem que não estão sós. Têm sua ancestralidade que lhes mostra o caminho, mesmo nos momentos de dor, de desassossego. Fingem não se preocupar com a sombra da fome, da bala perdida, da violência contra o corpo dos seus, mas têm a consciência de que não são eternas e, por isso, sentem a necessidade de preparar seus filhos, ou melhor, filhas, para a vida. Sim, pois são as mulheres que recebem essa tarefa de se mostrarem fortes, apesar das dores, da solidão, da desesperança, mas sabem acolher aquele corpo negro que desistiu de lutar...

Você começa a respeitar o torpor de quem bebe,
De quem fuma, de quem chora e de quem sente demais
E aos pouquinhos apreende da vivência que a loucura
é de quem espera que essa cura vem junto omissão e paciência
Quando entende que sua cor te faz parte da base
de um sistema que sem base não tinha se erguido
Compreende a inocência de esperar
que os instrumentos do opressor vão ajudar a libertar o oprimido.
(NASCIMENTO, 2021 s/p.)

Morrem um pouco a cada filho que se perde nos braços do tráfico, muitas vezes por serem as únicas a enxergarem sua cria num espaço de invisibilidade. Mas, apesar da dor da perda, não desiste de lutar por uma vida melhor, pois, afinal, num mundo de invisíveis, saber amar é transbordar.

⁸ Luciene Nascimento é escritora, maquiadora, advogada. Autora do livro "Tudo Nela é de se amar." Disponível em linktr.ee/luci.nasc. Acesso em 15/01/2022.

No livro *Olhos D'água* (2016), Evaristo escreve o conto "Maria do Rosário Imaculada dos Santos", em que relata um drama vivido por famílias negras: o roubo de crianças para trabalharem como domésticas. A personagem inicia o conto falando de origem do seu nome. "Esse nome de santa mulher foi invenção do catolicismo exagerado da minha família" (EVARISTO, 2016, p. 43). A história fala sobre uma menina de família pobre que foi tirada de sua família por um casal estrangeiro, sendo transformada em uma empregada doméstica, ou melhor, escrava doméstica. Viveu a infância achando que foi adotada e vivendo como se fosse da família, lavando, passando, cozinhando e cuidando das crianças menores. Não tinha acesso a salário e nem a estudo. Evaristo escreve sobre a personagem:

E, quando alcancei a gravidade da situação, por muito tempo pensei que fosse acontecer comigo o que, muitas vezes, escutei os mais velhos contar. As histórias de escravidão de muita gente. Eu ia ser vendida como uma menina escrava... Eles nunca me bateram, mas me tratavam como se eu não existisse, Jamais perguntaram o meu nome, me chamavam de "menina". (EVARISTO, 2016, p. 46-47)

O corpo negro é tratado e identificado sem a referência de seu nome, mas sim pelo que lhe nomeiam. A personagem não consegue esquecer seu nome, sua origem e a saudade dos seus. "Por isso, tantos remendos em minha fala. Confesso, a minha história é feita mais de inventos do que de verdades" (EVARISTO, 2016, p. 48).

No final do conto, Maria do Rosário reencontra um dos seus, pois começou a pensar numa estratégia de fugir da invisibilidade. Começou a trabalhar como doméstica, em outras casas, sempre indo em direção à sua cidade natal. Retoma os estudos e, numa escola, num ciclo de palestras sobre crianças desaparecidas, narra sua história e é reconhecida por uma de suas irmãs. Um conto escrito por mãos negras que poderia ser a história de qualquer um dos nossos que têm a cor da pele preta. A potência da energia dos nossos ancestrais nos faz enxergar caminhos para rompermos com esse círculo de escravidão e de dor.

CONCLUSÃO

Fanon (2008), em *Peles negras, máscaras brancas*, faz um mergulho refletindo sobre o colonialismo e seus efeitos, contestando discursos que teimam em dizer que não existe racismo e que não existem corpos negros invisibilizados nessa zona do não-ser. O autor representa, através do arquétipo das máscaras brancas, o que o corpo negro se molda para sobreviver.

O homem negro utiliza essa máscara para ter um espaço de trabalho, não ter seu corpo destruído por ter a cor da pele preta. Contudo, mesmo embranquecendo sua fala, vestimentas, cultura e identidade, continua, para os olhos do colonizador, apenas como um corpo negro que é aceito na medida em que reconhece sua subalternização. Na medida em que resiste e luta por seus direitos e equidade, é taxado como agressivo, desequilibrado e jogado numa zona do não-ser.

O corpo negro feminino, além de utilizar essa máscara branca, sente a dor da solidão, pois, para o homem negro, em muitas das vezes, é preterido por um corpo branco que o avaliza para ter esse passaporte para frequentar espaços nessa suposta modernidade colonial. Resiste e luta para ocupar espaços, mas, na academia, ainda tem sua fala e seus escritos secundarizados pois as escritas sobre si são inferiorizadas.

A colonialidade do saber invisibiliza o que esse corpo negro traz de contribuições para essa academia ocidentalizada. Para que esses espaços de poder sejam ocupados por esses corpos negros, é necessário resistir, transgredir e atuar pelas brechas dessa colonialidade. Atualmente, essa luta é pela visibilidade desse corpo negro invisível. Fanon propõe um "Novo humanismo" que transcende os saberes históricos e eurocentrados, em que haja a inclusão de corpos negros que habitam a zona do não-ser, defendendo o respeito entre os indivíduos, independentemente de sua cor da pele, reconhecendo a essência da filosofia anarquista proposta por Ashanti Alston.

Um novo humanismo na esfera econômica, combatendo as desigualdades, de modo que não precisemos contestar a boa aparência como requisito para a competência. Na esfera política, podemos pensar esse "Novo humanismo" a partir do anarquismo negro, numa visão de que corpos são respeitados e que as instituições estabelecem as desigualdades entre as pessoas. Enfim, devemos respeitar e celebrar nossos mais velhos e seus ensinamentos, pois, como diz um ditado africano, um rio quando esquece onde nasce ele seca, ele morre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARNEIRO, Suely. Gênero, raça e ascensão social. Estudos Feministas, v.3, n.2, 1995.
- DE MORAES, Wallace (2020) A necrofilia Colonialista Outrocida no Brasil. Revista Estudos Libertários - REL (UFRJ) Vol. 2 n.º 6/2.º Sem/2020 ISSN 2676-0619.
- EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas, 3. ed, 2017.

_____. Olhos d'água. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FANON, Frantz. Peles negras, máscaras brancas. Salvador: EDFBA, 2008.

GRADA, Kilomba. Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

GROSGUÉL, Ramon. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Revista Sociedade e Estado - Volume 31, Número 1, Janeiro/Abril 2016.

_____. Del extractivismo económico al extractivismo epistémico y al extractivismo ontológico: una forma destructiva de conocer, ser y estar en el mundo. In: Tabula Rasa, nº 24, 2016, pp. 123-143.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema. (org.) O Livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

_____. Intelectuais Negras. Revista Estudos Feministas, v.3, nº 2, 1995.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.